

**A MULHER INSCRITA E A ESCRITA DA MULHER:
DOS VESTÍGIOS DA MEMÓRIA SOCIAL, O ENCONTRO COM NOVAS
IDENTIDADES EM MARIA LÚCIA MEDEIROS**

Wellingson Valente dos Reis¹
Mirna Lúcia Araújo de Moraes²

RESUMO

O presente artigo busca verificar as questões do discurso feminino no conto *Zeus... ou a menina e os olhos* da escritora paraense Maria Lúcia Medeiros. Apoiados pela teoria Identidade de gênero buscou-se perceber como essa identidade é moldada por relações sociais complexas e dinâmicas, que expressam as contradições das relações de poder, de classe, de sexo e de raça. No conto em questão, a mulher faz parte do discurso político e do sistema patriarcal, a forma de romper com esse discurso é por meio da fuga das categorias da condição feminina assinaladas pelo sistema, como a menina do conto faz. Como apoio teórico, utilizamos: Gilbert e Gubar (1985); Alvares e D’Incao (1995); Hooks (2019); DaMatta (1994) entre outros.

Palavras-Chave: Identidade de gênero. Mulher. Maria Lúcia Medeiros.

**THE INSERTED WOMAN AND THE WOMAN’S WRITING:
FROM THE TRACES OF SOCIAL MEMORY, THE MEETING WITH NEW
IDENTITIES IN MARIA LÚCIA MEDEIROS**

ABSTRACT

This paper aims to verify the issues of the feminine discourse in the short story *Zeus ... ou a menina e os olhos* of the writer Maria Lúcia Medeiros. Based on the theory of gender Identity, it has been attempted to perceive the way in which identity is set by the complex and dynamic social relations, that express the contradictions of power, class, sex and race. In the short story in question, the woman is part of the political discourse and the patriarchal system, the way to break with this discourse is by escaping the categories of the female condition indicated by the system, as the girl in the tale does. As theoretical support, we used: Gilbert and Gubar (1985); Alvares and D’Incao (1995); Vasconcelos (1999); DaMatta (1994) among others.

Keywords: Gender identity. Woman. Maria Lúcia Medeiros.

Data de submissão: 27. 10. 2021

Data de aprovação: 16. 04. 2022

*“O objeto literário é um estranho pião, que só existe em movimento.
Para fazê-lo surgir é necessário um ato concreto que se chama
leitura... E ele só dura enquanto essa leitura durar. Fora daí, há
apenas traços negros no papel.”
Jean Paul Sartre (1999)*

NOTAS INTRODUTÓRIAS

¹ Doutor em Comunicação, Linguagens e Cultura pela UNAMA (Universidade da Amazônia). Docente do IFPA (Instituto Federal do Pará) – Campus Belém; Membro do Grupo Interdisciplinar de Pesquisa em Arte, Cultura e Educação (GIPACE/IFPA) e do Grupo de Pesquisa Mulheres Amazônidas e Latino americanas na Literatura e nas Artes (MALALAS/UFPA). E-mail: wellingson.valente@ifpa.edu.br.

² Doutora em Comunicação, Linguagens e Cultura pela UNAMA (Universidade da Amazônia). Docente da SEDUC (Secretaria de Estado de Educação do Pará); Membro do Grupo de Pesquisa Mulheres Amazônidas e Latino americanas na Literatura e nas Artes (MALALAS/UFPA). E-mail: mguapindaia.mm@gmail.com.

Este trabalho pretende debater a importância da escrita de mulher e a importância da escrita de Maria Lúcia Medeiros para a literatura da Amazônia. Para isso, partimos da ideia de que a literatura considerada canônica é aquela veiculada ao âmbito nacional e/ou mesmo universal, consagrando-se a partir de um reconhecimento público. Por isso, não podemos fixar critérios de avaliação sobre a qualidade de uma obra, já que o cânone está inter-relacionado com o contexto a que a obra está inserida, podendo assim vir a fazer parte de um processo de sacralização, quando observado em algumas instâncias como palavra de poder.

Essas instâncias de observação quanto ao valor da obra, assim como o caráter estético dado a uma literatura, a um gênero ou ao conjunto das produções literárias de uma época, são determinadas a partir de um olhar historicizado que o presente lhes confere, variando tanto em suas delimitações internas, quanto nas relações com os fatores externos.

E é dialogando com as possibilidades, de movência da cultura, no contexto da literatura contemporânea que apresentamos o discurso narrativo literário de Maria Lúcia Medeiros, autora do livro de contos “Zeus ou A Menina e os Óculos” (1994), objeto de estudo desta pesquisa. Pretende-se, por meio do estudo da referida obra, expressar as dificuldades por qual passa a escrita feminina e a mulher escritora, considerando que, nesta construção literária, percebe-se uma significativa contenda entre mundos culturais.

A contenda a que nos referimos, envolve três aspectos que permeiam a posição marginal na qual se encontra a escritora: primeiro, por pertencer ao chamado “Terceiro Mundo”, no caso o Brasil que, por muito tempo, privilegiou e tomou como modelo apenas o fazer literário dos grandes clássicos; segundo, por encontrar-se na região Norte, afastada dos grandes centros culturais do país; terceiro, por ser mulher, que, historicamente, foi excluída dos processos de construção dos saberes instituídos. Ao utilizar a expressão “mundos culturais”, referimo-nos à heterogeneidade existente no país. Tal preceito parece condição básica para a construção de nossa riqueza cultural.

A despeito de todo saber literário instituído e reconhecido pelos centros privilegiados, não se pode esquecer de citar obras de altíssima contribuição e relevância acadêmica na Amazônia como a de Dalcídio Jurandir que rompe com a hegemonia cultural e, ao transpor fronteiras estigmatizadas de que a região Norte, não produz literatura, apresenta uma poética amazônica para o mundo, evidenciando a necessidade de pensar e de discutir a diversidade cultural, como também de se aprender com a troca de experiências literárias.

Vale lembrar que as hierarquias do saber literário precisam ser destituídas, principalmente quando foram matizadas por fatores referentes a visão de colonialidade, como orienta Maldonado-Torres (2018, p.32) ao abordar sobre colonialidade e decolonialidade:

Nesse contexto, decolonialidade como um conceito oferece dois lembretes-chave: primeiro, mantém-se a colonização e suas várias dimensões claras no horizonte de luta; segundo, serve como uma constante lembrança de que a lógica e os legados do colonialismo podem continuar existindo mesmo depois do fim da colonização formal e da conquista da independência econômica e política.

Diante disto, a leitura do texto de Maria Lúcia Medeiros nos permite vislumbrar essa heterogeneidade, em que a autora descortina um mundo trivial, que rompe com o banal, visto que o tecido poético dessa autora é atemporal e universal, cuja palavra aparece envolta de imagem e a trama textual se revela na incessante busca da identidade. Segundo Benedito Nunes, ao prefaciar o livro da autora, considera que “sendo a melhor ficção aquela que é capaz de abrir-nos para outras experiências, conclui que estava diante de autêntica literatura” (Nunes, 1994, p. 13).

1 AS LUTAS FEMININAS

O feminismo e o que se entende por esse tema são vistos pela sociedade com questionamentos e discussões, chegando às vezes a evidenciar esse termo como algo banal, como balbúrdia feita por mulheres desocupadas e radicais. Inclusive na mídia vemos o predomínio do olhar masculino sobre tais manifestações, às vezes utilizando-se de eufemismos e outros jogos de palavras para criticar, ou se utilizando de imagens específicas do protesto para passar a visão do que os homens querem para o público, como uma forma de dominar e subjugar o outro, que neste caso é a mulher.

Quando se pensa em como se deu a subordinação da mulher, pode-se imaginar que o homem simplesmente a subjugou como o sexo inferior do dia para a noite. Contudo, segundo Simone de Beauvoir (1970), ao atentar-se para os povos pré-históricos e os estudos etnográficos, tem-se uma noção de como a sociedade pode ter sido formada ao longo dos séculos.

Embora os estudos sobre a condição da mulher nesse tempo sejam contraditórios, ainda é possível perceber que como indivíduo existencialista, apesar de a mulher desempenhar um papel muito maior, continua a ser encarcerada em segundo plano.

Sabe-se que neste primeiro período da vida humana, as sociedades eram nômades, e uma vez que ela, a mulher, era responsável por carregar os filhos e os fardos durante a viagem, existe a especulação de ela ser mais robusta e preparada para essas tarefas árduas em comparação com as mulheres de hoje em dia, e o homem precisava ficar com as mãos livres para que pudesse assegurar a proteção de sua família; ou seja, enquanto ele enfrentava perigos e criava ferramentas para se defender, ela gerava e cuidava dos filhos que não paravam de nascer.

No entanto, esta não era a única figura feminina na antiguidade, pois, como cita Beauvoir (1970), nas narrativas de Heródoto sobre as mulheres amazonas de Daomé e outros, vê-se a mulher guerreira que enfrentava seus inimigos, praticava rituais ferozes tais quais os homens, e até mutilava um dos seios para melhor posicionar os arcos na hora da batalha, o que poderia ser considerado uma negação à maternidade, ao menos nesse período. Para elas a condição de maternidade não tinha um caráter afetivo, e poderia até vir a se tornar incômodo.

Apesar de tudo, é provável que, então como hoje, os homens tivessem o privilégio da força física. Na era da maçã e das feras, na era em que as resistências da Natureza atingiam um ponto máximo e as ferramentas eram as mais elementares, essa superioridade devia ter uma enorme importância (BEAUVOIR, 1970, p. 82).

De uma forma ou de outra, a mulher era como a vilã de si mesma, pois o seu biológico: as menstruações, os partos e a gravidez a deixavam em estado de impotência, diminuía sua capacidade de trabalho, e é aí que entra o homem, para suprir essa “necessidade” de proteção, de nutrição da família. Ele também tinha como função manter o equilíbrio sobre a grande taxa de natalidade, mais uma vez uma oportunidade para se sentir importante dentro dessa sociedade entre homem/mulher.

Além de tudo isso, como a mulher estaria em estado de letargia quanto ao seu papel como um ser que transcende à vida, ou seja, que desempenha um papel que ultrapassa os limites impostos como apenas ser vivente, como apenas animal, pois fica presa ao ciclo de gerar a vida e não participar efetivamente dela, o homem, por sua vez, vê-se transcendendo a vida através das ferramentas que cria para se defender durante as caçadas e as armadilhas que desenvolve para pegar os peixes nos rios. Ele supera a si mesmo e cria ainda mais expectativas nele próprio quando se percebe algo maior do que um ser existencialista, ele agora é um construtor.

A mulher que gera não encontra importância nessa atividade, pois não é algo que ultrapassa o seu destino; ela não enfrenta perigo como o macho, pois “não é dando a vida, é arriscando-a que o homem se ergue acima do animal; eis porque, na humanidade, a superioridade é outorgada não ao sexo que engendra e sim ao que mata” (Beauvoir, 1970, p.

84). E, uma vez presa ao próprio corpo, jamais poderá “enfrentar” o homem, jamais poderá se colocar num lugar de igual destaque sobre a evolução da humanidade enquanto sociedade.

A luta feminina, ao menos segundo Simone de Beauvoir (1970), nunca foi para se colocar como superior ao homem, pois ela não o é, e sim para preencher a angústia de se tornar passiva numa sociedade em que a força física e a produção eram as mais valorizadas, para sair da condição de existencialista, de essência e se colocar também como transcendente à vida, assim como o macho: “O que elas reivindicam hoje é serem reconhecidas como existentes ao mesmo título que os homens e não de sujeitar a existência à vida, o homem à sua animalidade” (Beauvoir, 1970, p. 85).

Sandra Gilbert e Susan Gubar (1985, p. 527) dizem que a maior ambição da crítica feminista é decodificar e desmitificar todas as perguntas e as respostas que sempre sombrearam as conexões entre a textualidade e a sexualidade, gênero literário e gênero (aqui como construção cultural), identidade psicosssexual e autoridade cultural. Essa será a linha que orientará esta pesquisa sobre Maria Lúcia Medeiros.

Dentro desta perspectiva, faz-se necessário postular uma crítica feminista que seja genuinamente centrada na mulher, independente e intelectualmente coerente. Com isso, se quer saber é como podemos encontrar respostas às perguntas que surgem de nossa experiência. Essa mudança visa a encontrar, na crítica feminista, seu próprio assunto, seu próprio sistema, sua própria teoria, e o mais importante, sua própria voz, ou seja, precisa-se finalmente construir argumentos a partir das suas próprias premissas.

Por isso, a visão deste estudo é observar em “Zeus ou a Menina e os Óculos” (1994), como que Maria Lúcia Medeiros expõe a mulher multifacetada, por intermédio da psicodinâmica da criatividade de suas meninas que, com novas posturas, desconstruem o modelo tradicional imposto. Essa nova perspectiva da mulher que o olhar crítico de Maria Lúcia Medeiros assume, liga-se à ideia de que o pensamento crítico só pode acontecer em situações, discursos, práticas e dispositivos sociais.

Os aspectos encontrados em “Zeus ou a Menina e os Óculos” (1994) revelam que a escrita feminina vem rasurando num projeto de uma tradição literária eminentemente masculina, que se constitui num campo intelectual que aspira deter o capital simbólico do saber literário. Além de rasurar, a escrita feminina também se apresenta como contra leitura, propondo-se como contra cânone.

Consideramos que, sob essas condições, Maria Lúcia Medeiros pode caracterizar o literário feminino como uma fuga das categorias da condição feminina assinaladas pelo sistema patriarcal. A concepção teórica da escritora já pode ser inserida num novo período da produção das mulheres, como uma forma de reafirmar o valor do feminino.

Os contos “Corpo inteiro” e “Nimbus” da obra estudada são escritos sob uma perspectiva corporal, que é o ponto de partida para entender as diferenças básicas entre o homem e a mulher. Ao tentar explicar a “diferença” entre o homem e a mulher, depara-se com uma questão: o que esta diferença significa? Como resposta à essa indagação vale ressaltar um trecho da narrativa:

Respiração forte, ofegante, a menina se aproxima e se afasta e brinca com a imagem no espelho maior, corpo inteiro e febril que ela mesma acaricia, meio tensa, meio tonta, dente branco cravado no lábio que sangra, o corpo oferecido ao sol se pondo, coxas abertas para a noite, fundo gemido, a mão abandonada e trêmula... (MEDEIROS, 1994, p. 18-19).

Certamente, a diferença do corpo é a mais visível, mas, se ela em si, ainda não representa nada, dá início a uma série de representações/significados. A simples comparação nos leva a um princípio básico; cada corpo é “por natureza”, diferente do outro; a repressão da mulher pelo homem certamente passa também pela homogeneização, objetivo máximo de uma

sociedade patriarcal que não admitia a diferença entre cada mulher ou as múltiplas diferenças numa mesma mulher.

Maria Lúcia Medeiros trabalha a linguagem na desconstrução do discurso masculino. A questão da linguagem é extremamente complexa e carece de algumas diferenciações – principalmente no que diz respeito à relação linguagem-ordem. E a linguagem pode transitar de sua ordem lógica, gramatical a uma ordem cultural em que aparecem sexismo, racismo etc.

Porém, a linguagem, ao mesmo tempo, pode ser também uma arma contra todo tipo de ordem linguística. A linguagem poética, por exemplo, compartilha as qualidades do corpo quando se absorve do seu uso instrumental (referencial e outras funções) e se valoriza seu aspecto físico, como acontece na poesia também, mas também em qualquer gênero literário. Daí a linguagem poder “ganhar corpo”, e opor-se à ordem estabelecida, já que, segundo Gregolin (2007), é a partir da leitura que se vão recuperando os traços, as marcas que a constituem, ser essencial para levantar questionamentos e reconstruir a fisionomia dos acontecimentos. Quem sabe pela linguagem misturar personagens reais e fictícios com o objetivo de “cutucar” discussões adormecidas.

2 A QUESTÃO DO GÊNERO FEMININO NA NARRATIVA

Por ser a questão de gênero atravessada por uma relação de poder, já que gênero é algo que precisa ser constantemente reafirmado e publicamente exibido pelo desempenho, implica dizer que Maria Lúcia Medeiros, ao escrever da periferia, em relação aos grandes centros culturais, transita por uma exigência ideológica, talvez maior, do que as escritoras que se estabelecem nos já consagrados centros culturais. Ao evidenciarem-se as diferenças culturais das regiões, tem-se que ressaltar o jogo estratégico por que passa uma obra literária local/regional para ser conhecida como dialogante com a literatura nacional.

Essa problemática é expressa na linguagem representada pelas personagens da obra “Zeus ou a Menina e os Óculos” (1994), que ilustra bem o cenário em que a autora quer demarcar com sua escrita, na tentativa de construir uma “identidade feminina” com base na diferença que se interpõe (implícita) na construção de seu discurso, e não pela igualdade aos discursos masculinos.

Essas diferenças são realçadas pelas tensões com que as personagens femininas se inscrevem nas narrativas que compõem o livro. Assim, a escritora alinhava essas narrativas num movimento crescente de contar, recontar, reconstruir a vida dentro de uma multiplicidade de elementos que, reunidos, legitimam as repercussões internas e externas de vozes que foram silenciadas por um tempo “quase” infindo, e que, agora, não se permitem mais calar e encontram na literatura, o instrumento concreto para recuperar as suas identidades.

A recuperação desta identidade faz-se ecoar no discurso da escritora pela formulação da realidade com que enquadra a ação das personagens mulheres que, frente a crises existenciais (morais/culturais/históricas/sociais), criam alternativas que as tornam agenciadoras de projetos que podem transformar um quadro cultural pré-estabelecido. Como neste momento da obra:

Ninguém saberia que ela usava óculos de lentes claras e que ela dispensava nitidez e algumas formas. Que era como visse tudo pelas suas próprias lentes e mergulhasse assim no cenário agradável com cheiro de sábado, com barulho de sábado, com imagem não muito nítida que ela recobria do jeito que bem entendia e queria, sem medo... (MEDEIROS, 1994, p. 29)

Sem os óculos, outros sentidos são aguçados, desta feita ao interagir na construção de uma identidade feminina que conduza a uma relação dialógica com a estrutura social a que está inserida, a mulher firma-se como sujeito da história e não mais como objeto e, direciona a realidade latino-americana a repensar a condição de subalternidade a que está subjugada. Esta

realidade possível transparece através da linguagem da escritora na construção das personagens mulheres, que repudiam a clausura dos seus desejos, transgridam os valores impostos e passam a questionar os seus papéis, no cenário histórico-cultural.

Ao contrário do que está prescrito pela cultura dominante, que pensa a mulher sempre submetida à ordem masculina, os protagonistas femininos dos contos de Maria Lúcia Medeiros rompem com a tradição e exibem uma concepção de vida, de ação e de reação a certas restrições dadas pelos fatores culturais. Fatores esses que afetam a formulação de conceitos, comportamentos e relações inter e intrapessoais de diferentes segmentos, em diferentes épocas e culturas. Sobre o assunto Bell Hooks (2019) diz:

Para construir a minha voz, eu tinha que falar, me ouvi falar – e falar foi o que fiz-, lançando-me pra dentro e pra fora de conversas e diálogos de gente grande, respondendo a perguntas que não eram dirigidas a mim, fazendo perguntas sem-fim, discursando. Nem preciso dizer que as punições para esses atos discursivos pareciam infinitas. Elas tinham o propósito de me silenciar – a criança, mais particularmente a criança menina. (HOOKS, 2019, p. 32).

Baseando-se nestas experiências vividas por mulheres, o cenário em que se apresentam as personagens femininas, nos contos de Maria Lúcia Medeiros, invocam e evocam uma nova maneira de olhar a realidade da qual fazem parte. É esse olhar que empreenderá novas vivências e experiências nessas personagens.

“Zeus ou a Menina e os Óculos” remete-se ainda a um paralelo com as “Metamorfoses” de Ovídio quando conta a história de Tirésias, ser que, tendo sido “transformado” em mulher, e como mulher tendo passado “sete outonos”, é chamado por Zeus que, em discussão com Juno, afirmara que a mulher sente mais prazer sexual do que o homem. Uma vez que Tirésias tinha a experiência dos dois sexos, este confirma a afirmação de Júpiter. Juno, sentindo-se prejudicada pela denúncia de seu segredo, condena Tirésias à cegueira.

É importante fazer uma rápida incursão pelo suposto acontecimento: Zeus afirmou, com a convicção que é conferida a um Deus do Olimpo, que a mulher sente mais prazer sexual do que o homem. O que levou Zeus (como homem), a tal afirmação? De certo, naquele momento, quem falava era o lado feminino de Zeus, isto é, o seu ânima, pois sabemos que o Deus do Olimpo absorveu das mulheres com quem teve alguns relacionamentos, conhecimentos e experiências suficientes que o fizeram capaz de interpretar o feminino.

Zeus também é mulher, aliás, no original bíblico, Deus, e mesmo os deuses mitológicos, que hoje são identificados com o gênero masculino, têm uma identidade assexual, pois a referência ao divino é no plural e de forma explícita por nome que identifica os dois gêneros. Assim, como os hindus denominam tal existência divina de “Deus”, ao mesmo tempo, o denominam também como Divina Mãe / Divino Pai.

Aliás, Lilith, em um contexto primário, bíblico, considerada a primeira mulher sobre a Terra, teria sido expulsa do paraíso por exalar uma feminilidade não permitida à época (ou à ordem da época). Apesar de colocada à margem de todo um processo histórico, Lilith exerceu uma profunda influência; um vínculo psicológico nas gerações de mulheres que lhe sucederam. Eva, Ishtar, a deusa da luxúria do panteão babilônico e todos os cultos que tinham a mulher como centro de adoração. É nesse momento que o mito de Adão surge exatamente como uma anteposição ao culto ao feminino, ao matriarcado.

Em relação a Juno – deusa romana das mulheres e do casamento - sente com a assertiva de Zeus, e a confirmação de Tirésias, a sua intimidade invadida já que, para a mulher, é muito difícil exteriorizar o turbilhão de emoções que carrega dentro de si. Freud (1996) entendia Juno quando dizia que a sexualidade feminina é um “continente negro”, algo enigmático e resistente a todas as tentativas de conceitualizá-la. A menina e os óculos personificam bem este “continente negro” freudiano, uma vez que, rompendo as normas, via as coisas disformes, sem

nitidez, pois sem ordem apenas enxergava o mundo como constituído de relacionamentos e não de pessoas isoladas, um mundo com conexões humanas, em vez de um sistema de regras, no mínimo, enigmáticas.

Na tentativa de burlar este sistema de regras, a personagem deseja ser uma outra pessoa e, aos sábados, de avental, por entre as mesas dos fregueses, ela consegue travestir-se nesta outra pessoa, que não quer ser incomodada pelos juízos de valor dos que estão ao seu redor ou então percebê-lo sob novas perspectivas. “Oferecia seus préstimos e a mãe, atarefada com os fregueses esperando, aceitava que ela passeasse por entre as mesas ajudando, conversando”. (Medeiros, 1994, p. 28).

Não sendo capaz de enunciar pelo uso da linguagem o que vislumbra para si, por ser prisioneira do “discurso do outro”, aliena-se do mundo que a cerca e busca um mundo que a satisfaça, através da imaginação. Sem os óculos, as coisas disformes passam a adquirir as formas idealizadas para construção de novas formas capazes de fazê-la experimentar o que deseja; desta feita prescreve outro mundo possível, estruturaliza uma outra versão de feminilidade.

3 OS ESPAÇOS DE CIRCULAÇÃO DE IDEIAS ATRAVESSADOS PELOS VESTÍGIOS DA MEMÓRIA HISTÓRICO-SOCIAL.

Existem lugares praticamente proibidos às mulheres – políticos, judiciários, intelectuais, e até esportivos... -, e outros que lhes são quase exclusivamente reservados – lavanderias, grandes magazines, salões de chá... Na cidade, espaço sexuado, vão, porém, se deslocando, pouco a pouco as fronteiras entre os sexos”
(Perrot, 1998, p. 37)

Um outro elemento tem força simbólica nessa narrativa: o restaurante. O ambiente do restaurante vem acobertado de ideologias impressas nas pessoas que nele circulam; local democrático, local de trânsito, do não fixo; da diluição do poder, já que não é de ninguém, ao mesmo tempo que é de todos. Por isso, polifônico ao se tornar movimento flagrante da memória da personagem enquanto tempo social dos frequentadores desse lugar. Daí constituir-se a polifonia de vozes.

Esta proliferação de vozes configura-se como estratégia pedagógica, reafirmando que o que garante a educação da menina, se não é apenas a cultura familiar a que esta pertence, mas também a memória social capturada pela retina dela – a personagem – em seu movimento por entre as mesas, (re)colhendo informações, assuntos da época em que a narrativa acontece, cujo espaço-tempo nos remete pela linguagem à década de 70, fato esse observado também pelas posturas, posicionamentos das relações pessoais e objeto de consumo dos interlocutores presentes na narrativa em questão, como apontado no seguinte fragmento:

Oferecia seus préstimos e a mãe, atarefada com os fregueses esperando, aceitava que ela passeasse por entre as mesas ajudando, conversando. Equilibrando **bandejas de fayança** ela trazia os sucos e anotava **as preferências**: limão, abacaxi, limão de novo, laranja... (MEDEIROS, 1994, p. 28 – Grifo Nosso).

Notam-se, no trecho, expressões de uso corrente do tempo transcorrido na narrativa e agora em desuso, como: **bandejas de fayança** (louça de barro esmaltado ou vidrado/louça de pó – de pedra); **anotava as preferências**, o que atualmente significa anotar os pedidos.

Por outro lado, percebe-se também, pela atitude da personagem, ao considerar o restaurante “o cenário perfeito” (Medeiros, 1994, p. 28) para a aprendizagem pelo convívio com o outro ou com os outros, compreende-se como uma crítica à escola, à educação formal, quando esta (a menina) prefere o restaurante à escola, crítica a escola que vem representada antes como

bem observam Reis *et al* (2008): “A ação da menina de desenhar as sobranceiras da professora e imaginar o cachorro de sapatos ao invés de prestar atenção à aula de geografia é uma resistência “estático-subjetiva”. Embora aparente estar submissa à ordem escolar, dentro de sua imaginação, de sua realidade subjetiva, a menina está absorva em seu mundo”. (REIS *et al*, 2008, p. 42).

Essa crítica à escola também pode ser observada em outras obras literárias como no “Conto de Escola”, de Machado de Assis (2004), com a personagem Pilar: “Não fui à escola, acompanhei os fuzileiros, e depois enfiei pela Saúde, e acabei a manhã na Praia da Gamboa” (ASSIS, 2004, p. 34)

Tal crítica reitera-se também com a personagem Alfredo, do romance “Primeira Manhã” (2009), de Dalcídio Jurandir ao demonstrar aprender com maior interesse no contato com as pessoas, deixando entrever que o processo de ensino e aprendizagem na educação formal, não exercita a experiência do contexto, das situações comunicativas quando abandona a aula de latim e sai, novamente a vagar pela cidade, assumindo a condição de “flâneur” segundo o conceito de Benjamin (2004), uma pessoa que anda pela cidade a fim de experimentá-la. Esta inadequação curricular encontra eco nas palavras de Rubem Alves (2010), no livro “Entre a Ciência e a Sapiência” ao referir-se ao dilema da educação.

Ensina-se, nas escolas, muita coisa que a gente nunca vai usar, depois na vida inteira. Fui obrigado a aprender muita coisa que não era necessário, que eu poderia ter aprendido depois, quando e se a ocasião o exigisse. [...] Mas aquela experiência infantil, a professora nos lendo literatura, isso mudou minha vida. Ao ler – acho que ela nem sabia disso – ela estava me dando a chave de abrir o mundo. (ALVES, 2010, p. 65).

Entenda-se o ato de ler como recurso indispensável para a construção de sentido das coisas, dos objetos, do perfil das pessoas que, conjugadas ao cotidiano, escrevem e inscrevem narrativas da forma como o mundo é interpretado por elas. Por esse motivo, a personagem menina, do texto de Maria Lúcia Medeiros, encarna a figura de Zeus como força cosmogônica capaz de extraí-la do “lugar comum” e inseri-la no lugar de “circulação de ideias” onde provavelmente adquirirá um aprendizado/um conhecimento de maior alcance para a vida real, incitando o (a) leitor (a) do texto a fazer o mesmo exercício.

No espaço do restaurante aos sábados, por entre as mesas, presentifica-se o entusiasmo do saber, do aprender, visto que lugar de interfaces reais e de multinarrativas agenciadoras da composição da identidade que esta procura para si mesma, visto ser um espaço relacional onde o diálogo, as histórias, as trocas de experiência fazem-se presentes, materializam-se naturalmente pela sujeição à cultura imposta ou pela dispersão dessa mesma cultura. Apoiados por Roberto DaMatta (1994) pode-se inferir que,

Descobrir que uma sociedade pode ser invocada por meio de muitas vozes, perspectivas ou textos não significa que ela não possa ter uma visão integrada de si mesma – e que, por isso mesmo, não tenha estabelecido modos de falar de si própria que ela toma como mais adequados ou mais corretos. É a sociedade que estabelece os modos mais “claros” e mais legítimos de falar de si mesma. (DaMATTÁ, 1994, p. 37).

Assim como o espaço onde transita a menina é revelador de discursos, há ainda os objetos de consumo nele contidos, a exemplo do Volkswagen citado na narrativa no qual ela – a personagem – encontra-se “sentada no banco traseiro entre os irmãos”, levando-nos a analisar a posição ocupada pela mulher na década de 70, quando surge no Brasil, o grande “boom” das empresas automobilísticas, juntamente com a demanda do fusca, como o carro da família brasileira, até então dirigido quase que exclusivamente por homens.

Esse elemento aparece com força simbólica na narrativa, haja vista que concomitantemente ao surgimento desta marca de carro, instauram-se movimentos outros, tendo como tônica central a luta pela democracia, ou melhor, a restauração da democracia, pós-golpe de 64.

Com o fim dos anos de chumbo, movimentos sociais, considerados marginais reverberam-se pelo Brasil, fazendo emergir mulheres com posições revolucionárias nunca presenciadas nos mais diferentes segmentos sociais, como o uso pelas feministas de calça comprida; as mulheres têm acesso às universidades; bem como a presença feminina à magistratura brasileira. Pode-se notar, a partir de então, a atuação efetiva da mulher no domínio histórico, ensejando outros valores culturais à época, além da reconfiguração do lugar da mulher no cenário da história do Brasil.

Entende-se, assim, que a protagonista da narrativa é uma figura iconizada, é uma entidade, é a representatividade do tempo carregado de memórias; memória que se traveste, assumindo o território do consciente e do inconsciente, do pertencimento, do deslocamento, palco de confrontos e de discontinuidades sociais e políticas; memórias ainda involucradas por um conjunto de vestígios e de rastros históricos. Desta feita, a Memória ganha o estatuto de personagem ao atravessar a história de homens e mulheres que, às vezes sujeitos, outras assujeitados às prerrogativas ideológicas de um determinado tempo transcorrido.

Essas prerrogativas ideológicas constituem e reconstituem silenciosamente os fatos mais simples ou de maior complexidade e sendo a memória uma personagem que tudo vê, e tudo sente, e tudo ouve, e tudo sabe, faz uso de inúmeros dispositivos discursivos para conjugar momentos e movimentos a um só tempo para, em seguida, formatar a grande teia de acontecimentos coletados/recolhidos do cotidiano ou do imaginário dos seres sociais, mas fecundos de sentidos, de relações, de simbologias.

No espaço desta estrutura simbólica, o discurso realiza-se aliado à linguagem, produzindo dispositivos responsáveis por ativar e justificar a razão de ser da menina como elemento metafórico das lutas empreendidas pelo gênero feminino, ao longo da história. Acompanhados de Brandão (2002) pode-se compreender o exercício da personagem no restaurante como uma “prática coletiva” quando “A construção social da consciência realiza-se através do trabalho, que, por sua vez, resulta da possibilidade de comunicação entre as consciências ao ser realizado coletivamente e ao ser coletivamente significado” (Brandão, 2002, p. 40).

E é exatamente esta consciência de si, pela necessidade de uma identidade que a identifique que faz a personagem sair do lugar prescrito como o da aprendizagem sistemática – a escola – e transcendê-lo encontrando nos ambientes informais de interação – o restaurante – o sentido da dimensão humana envolta de tensões, de desafios, de tempos concretos, reafirmando assim que o tempo vivenciado pela personagem protagonista concretiza-se na/pela memória social e histórica a que ela se reporta e encontra-se inserida, como nos ensina LeGoff (2013, p. 422).

Do mesmo modo, a memória coletiva foi posta em jogo de forma importante na luta das forças sociais pelo poder. Tornar-se senhores da memória e do esquecimento é uma das grandes preocupações das classes, dos grupos, dos indivíduos que dominaram e dominam as sociedades históricas. Os esquecimentos e os silêncios são reveladores destes mecanismos de manipulação da memória coletiva.

Neste sentido, a ideia não é analisar apenas a forma como a menina interage no ambiente do restaurante, mas ainda como as pessoas deste lugar a veem (mãe/fregueses); a protagonista poderia escolher outro espaço para ler o mundo ou reconstituí-lo – praça, bosque, praia. No entanto, a opção recai sobre um restaurante, por ser um lugar de encontros socialmente manifestos. Por outro lado, lugar público, ambíguo por apresentar regras e não as ter ao mesmo

tempo e mais, os clientes estão “de passagem”; logo descortinando a possibilidade de conhecer inúmeras facetas da memória pela transitoriedade humana inerente àquele lugar. “O senhor grisalho que perguntava seu nome, o outro que queria saber o que ela já havia aprendido de matemática, e a moça loura que brincava beliscando, de leve, o seu braço: ‘oi menina!’”. (MEDEIROS, 1994, p. 28)

Como dito anteriormente, o conto parece se passar no período pós-64, época que desencadeou inúmeros movimentos, dentre eles o feminista, quando da busca pela liberdade de ação, expressão e, principalmente, reconhecimento público das experiências vislumbradas pelas mulheres, não mais vistas como “coisas de mulher”, logo frágeis objetos de um mundo “cor-de-rosa”, mas seres humanos com valores, sentimentos, produtoras e provedoras de sentido.

O sufrágio – eleição em que todos votam – ocorreu no início do século XX com o movimento das sufragistas estendendo às mulheres dos países democráticos o direito ao voto. No entanto, foi no ano de 1968 que o movimento de mulheres na linha de frente ganhou repercussão e escritoras brasileiras como: Bertha Luz, Alice Tibiriçá e Nize da Silveira abriam caminhos para o feminismo ao mesmo tempo que consolidavam a luta pelo acesso à instrução escolar e igualdade de condições de trabalho, pois o direito das mulheres ao voto não dava a elas poder de decisão política e econômica; este poder ganhou força com a ocupação das mulheres nas universidades a partir de 1970.

Nesta perspectiva, DaMatta (1994) entende as peças literárias como narrativas míticas, como momentos em que a sociedade falava para si mesmo [...] representada por meio de certo código. Com isso, o tecido literário em questão traça um painel destes tempos de luta em que as mulheres saem do casulo a que foram por tantos anos submetidas e lançam-se para o confronto social e, assim, entre tensões e resistências escrevem uma história diferente da até então assimilada, para mais tarde servir (esta nova história) como cenário para uma outra concepção acerca do feminino, como a que presenciamos no século XXI. O que não significa dizer que a luta chegou ao fim.

Para esta nova identidade feminina, não haverá necessidade de ensinar a ser mulher e sim como tornar-se mulher, como afirma Simone de Beauvoir, quando se refere ao gênero feminino como identidade construída pela cultura atrelada a um determinado momento histórico.

Logo, este ritual de passagem, ou mesmo a travessia da menina para a fase adulta ocorrerá naturalmente, sem receios ou preconceitos na formação de valores das futuras gerações. O papel da menina como um ser ficcional é ser mediadora de um processo de sentidos que se realiza/concretiza por entre questões históricas, bem como capturadas pelo imaginário da personagem, reveladas pela teia/trama literária.

Gostava de banana quando ela já ia ficando passada com uns pontos pretinhos na casca. Ficava mais doce, mais cheirosa, mais macia. Mas gostava de banana assim, sem entusiasmo, como ouvia as conversas à noite na cozinha. Sem entusiasmo. (MEDEIROS, 1994, p. 27-28).

No sábado, por entre as mesas e sentados à mesa, discutem-se normalmente os assuntos do dia-a-dia e a pensar à época retratada pelos vestígios textuais os temas pululavam da efervescência dos movimentos sociais às diferentes formas de recepção desses movimentos; Dentre eles o que envolvia a emancipação feminina. Como nos revela Hall (2006, p.09),

Estas transformações estão também mudando nossas identidades pessoais, abalando a ideia que temos de nós próprios como sujeitos integrados”. Esta perda de um “sentido de si” estável é chamada algumas vezes de deslocamento ou descentração do sujeito. “Esse duplo deslocamento – descentração dos indivíduos tanto de seu lugar no mundo social e cultural quanto de si mesmos constitui uma “crise de identidade” para o indivíduo.

Destas transformações a que se refere Hall (2006), ecoam diversas vozes, que elaboram as questões latentes na narrativa. Além da voz interior da menina que interage com o espaço onde transita, existem também as vozes dos frequentadores do ambiente social (o restaurante) e mais a voz que vai além do texto que é a do contexto histórico de onde elas saltam e constroem representações significativas na memória da personagem.

Pela análise desta memória, o/a leitor (a), também elabora suas interpretações pela responsabilidade que estes (as) leitores (as) têm de reproduzir ou não determinados valores historicamente constituídos para a mulher. Os diversos sentidos provocados por essas manifestações histórico-sociais proporcionam questionamentos, conformam discursos como também diferentes reações pela solidez dos acontecimentos, visto ser uma prévia para a reconfiguração cultural das ideologias vigentes.

À medida que vamos lendo o texto, os enunciados e as representações escritas através da narrativa, como consequência observa-se a classe social, ou seja, o nível intelectual das pessoas frequentadoras do restaurante: “Uma vez uma mulher espigada achou de lhe fazer perguntas: Qual a capital da Checoslováquia? E da Turquia? Qual o rio que banha Porto Alegre?” (MEDEIROS, 1994, p. 29)

Por conseguinte, pondera-se que elas têm visão de mundo, e trazem consigo a representação social que as identificam. Mais uma vez, nota-se um viés crítico às escolas por levar o (a) leitor (a) a perceber o quão necessário se faz a aprendizagem na prática das relações humanas como bem enfatiza Paulo Freire (2011), na obra “A Importância do Ato de Ler”, quando se refere ao processo de leitura de mundo como instrumento de aprendizagem efetiva. Fato este impõe reflexões e questionamentos acerca do papel/da função da escola para a sociedade e como esta sociedade reproduz ou refuta as posturas e/ou posicionamentos pedagógicos apreendidos.

A representação discursiva do que interessa para a menina concretiza-se por outras representações: dos frequentadores/clientes do restaurante, sob a perspectiva dos depoimentos, dos relatos orais que por lá circulam e da maneira como são construídos, revelados, considerando a época política/histórica em que ocorre, corporificação de distintas formas de interpretar uma determinada sociedade e as possíveis construções narrativas que a produzem. Do mesmo modo, as marcas de um período em transformação vivenciado pelos clientes.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta rede social, encontra-se a personagem criada pela escritora a qual se torna copartícipe de um discurso fundante pela reestruturação de um novo olhar sobre a realidade a que pertence, como observadora e igualmente como produtora de sentidos, sendo estes interpelados pela linguagem, pelo contexto e pela memória. Essa rede funciona como um processo de reconhecimento, de pertencimento a novas ordens sociais, cujo afastamento do mundo quando retira os óculos para enxergar melhor, imprime à personagem ficcional um jogo identitário de relações subjetivas entre o Eu e o Outro.

A experimentação e reinvenção do espaço acontecem de forma irônica no conto: o narrador coloca o alcance do prazer por meio da retirada dos óculos, pois somente dessa forma a menina passa a enxergar o mundo que ela imaginava, o mundo que ela desejava. Logo os óculos, que normalmente é o objeto utilizado para que possamos “ver melhor”, neste caso passa a ser uma representação do embotamento da visão do mundo adulto. (REIS *et al*, 2008, p. 45).

Mostrando que o mundo como ele é, nem sempre é o espaço adequado para a liberdade feminina, para a menina o mundo ideal era o mundo imaginado, por isso “Ninguém saberia que

ela usava óculos de lentes claras e que ela dispensava a nitidez e algumas formas” (Medeiros, 1994, p. 29), esta postura reafirma as palavras de Kothe (2000) ao refletir que “toda cegueira fomenta o desenvolvimento de outro tipo de percepção” (Kothe, 2000, p. 18), o que confere consistência à conduta da personagem por entre as mesas, objetivando assimilar papéis, que à luz da sua subjetividade, os desempenhará pelo acesso a outros conhecimentos disponíveis.

Estes conhecimentos se institucionalizarão na personagem como representante de uma coletividade feminina visto que como sujeito social, mesmo ficcional, tem responsabilidade com o mundo real – os leitores, com a existência e experiência de uma realidade viva e objetiva. A expressão “Zeus ou a menina e os óculos”, título da narrativa é uma representação emblemática que empreende o esforço dos papéis sociais impregnados no indivíduo por um determinado tempo – espaço, mas que podem ser modificados pela dinâmica dos acontecimentos históricos, veiculados pelas lutas e pelos sonhos na busca da institucionalização de outros papéis – padrões para a conduta humana, o que implica novos papéis a desempenhar e, portanto, serem legitimados pelos membros de uma sociedade.

REFERÊNCIAS

- ALVARES, Maria Luzia Miranda; D’INCAO, Maria Angela. **A Mulher Existe? Uma contribuição ao estudo da mulher e gênero na Amazônia.** Belém: GEPEM: GOELDI, 1995.
- ALVES, Rubem. **Entre a ciência e a sapiência: o dilema da educação.** São Paulo: Edições Loyola, 2010.
- ASSIS, Machado. **Conto de Escola.** São Paulo: Cosac Naify, 2004.
- BAKHTIN, Mikhail. **Estética da Criação Verbal.** São Paulo: Martins Fonte, 2011.
- BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo: fatos e mitos.** Tradução de Sérgio Milliet. 4ª ed. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1970.
- BENJAMIN, Walter. **Obras escolhidas III: Charles Baudelaire um lírico no auge do capitalismo.** São Paulo: Brasiliense, 2004.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **A Educação Como Cultura.** Campinas, SP: Mercado de Letras, 2002.
- DAMATTA, Roberto. **Conta de Mentiroso, Sete ensaios de antropologia brasileira.** Rio de Janeiro: Rocco, 1994.
- FREIRE, Paulo. **A Importância do Ato de Ler: em três artigos que se completam.** São Paulo: Cortez, 2011.
- GREGOLIN, Maria do Rosário; BARONAS, Roberto. **Análise do discurso: as materialidades do sentido (org.).** 3. ed. São Carlos, SP: Claraluz, 2007.
- Gilbert, S.M. and Gubar, S. Sexual Linguistics: Gender, Language, Sexuality. **New Literary History** 16. Baltimore, n. 03, 1985, pp. 515-543. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/468838>. Acesso em: 20 out. 2021.

HALL, Stuart. **A identidade Cultural na Pós-Modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2006.

HOOKS, Bell. **Erguer a voz: pensar como feminista, pensar como negra**. Tradução de Cátia Bocaiuva Maringolo. São Paulo: Elefante, 2019.

JURANDIR, Dalcídio. **Primeira Manhã**. Belém: Eduepa. 2009.

KOTHE, R. Flávio. **O herói**. São Paulo: Ática, 2000.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Campinas/SP: Editora da Unicamp, 2013.

MALDONADO-TORRES, Nelson. Analítica da colonialidade e da decolonialidade: algumas dimensões básicas. In: BERNARDINO-COSTA, Joaze; MALDONADO-TORRES, Nelson; GROSGOUEL, Ramón. (Org.). **Decolonialidade e pensamento afrodiaspórico**. 2. ed. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2019.

MEDEIROS, Maria Lúcia. **Zeus ou a menina e os óculos**. São Paulo: Roswitha Kempf, 1994.

NUNES, Benedito. A quem interessar possa. In: MEDEIROS, Maria Lúcia. **Zeus ou a menina e os óculos**. São Paulo: Roswitha Kempf, 1994, pp. 13-14.

PERROT, Michelle. **Mulheres Públicas**. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1998.

REIS, Wellingson V.; MUNHOZ, Widnerlley S. V.; FARES, Josebel. Transgressões de uma Menina Míope. **Revista Boitatá**. Londrina, n. 6, 2008, pp. 36-50. Disponível em: <https://www.uel.br/revistas/uel/index.php/boitata/article/view/31159>. Acesso em: 20 out. 2021.

VASCONCELOS, Eliane. **Entre a agulha e a caneta: a mulher na obra de Lima Barreto**. Rio de Janeiro: Lacerda Editores, 1999.

ZAPPA, Regina; SOTO, Ernesto. **1968: Eles Só Queriam Mudar o Mundo**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. Ed., 2008.